



TECNOLOGIA SOCIAL DA MEMÓRIA



Preservando a memória da Rede Federal

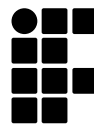
Hildo Ferreira de Almeida Junior
Maria Cristina Lobregat
Josina Maria Pontes Ribeiro



PROFEPT

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

INSTITUTO FEDERAL
ACRE



INSTITUTO
FEDERAL
Acre

TECNOLOGIA SOCIAL, DA MEMÓRIA



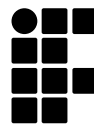
Preservando a memória da Rede Federal



PROFEPT

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

INSTITUTO FEDERAL
ACRE



**INSTITUTO
FEDERAL**
Acre

CADERNO DE ORIENTAÇÕES



PROFEPT

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

**INSTITUTO FEDERAL
ACRE**

Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional - ProfEPT

Instituição:

Instituto Federal do Acre - IFAC / Campus Rio Branco

Produto Educacional:

**Tecnologia Social da Memória:
preservando a memória da Rede Federal**

Coordenador local do ProfEPT

Prof. Dr. Luís Pedro de Melo Plese

Orientadora

Profa. Dra. Josina Maria Pontes Ribeiro

Co-orientadora

Profa. Dra. Maria Cristina Lobregat

Mestrando

Hildo Ferreira de Almeida Junior

Elaboração: Hildo Almeida Junior; Josina Pontes Ribeiro; Maria Cristina Lobregat.

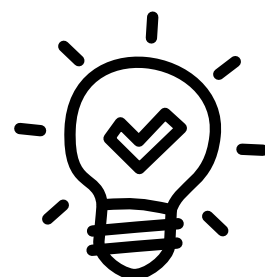
Revisão: Josina Pontes Ribeiro; Maria Cristina Lobregat.

Diagramação: Hildo Almeida Junior.

Imagens: Todas as imagens utilizadas neste documento foram obtidas através de serviços contratados do Freepik e Canva, com licenças de livre utilização para usuários assinantes, permitindo seu uso e adaptação conforme os termos de uso das respectivas plataformas. Além disso, foram utilizadas imagens do banco de imagens do site institucional do Ifac, respeitando os direitos autorais e as políticas de uso interno da instituição.

Este Produto Educacional está licenciado sob a licença Creative Commons Attribution 4.0 International (CC BY 4.0).

Rio Branco (AC)
2024



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP

A447t Almeida Júnior, Hildo Ferreira de.

Tecnologia social da memória: preservando a memória da rede federal - caderno de orientações. / Hildo Ferreira de Almeida Júnior, Maria Cristina Lobregat, Josina Maria Pontes Ribeiro. Rio Branco: Ifac, 2024.

61 p.: il.; 30cm.

ISBN 978-65-01-27739-4.

Produto Educacional de natureza do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – Instituto Federal do Acre, 2024.

1. Memória institucional. 2. Rede federal de educação profissional e tecnológica. 3. Tecnologia social da memória. 4. História oral. 5. Ifac. I. Título. II. Lobregat, Maria Cristina. III. Ribeiro, Josina Maria Pontes.

CDD 378.009

Sumário

PARA COMPREENDER	7
INTRODUÇÃO	8
OBJETIVOS DO CADERNO	10
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
Educação Profissional e Tecnológica no Brasil	11
História e Memória	13
História Oral	14
Tecnologia Social da Memória	15
Conexão entre os Conceitos	16
REFERÊNCIAS	18
 PARA FAZER	 20
CRIANDO UM PROJETO DE MEMÓRIA	21
Começando o projeto	22
MOBILIZAÇÃO DO GRUPO	27
Criando critérios para selecionar os componentes do grupo	27
Sensibilizando os participantes	29
COLETANDO MEMÓRIAS	30
Realização de entrevistas	31
Realização de dinâmicas de grupo	34
Registro de fotos, documentos e objetos	38

Sumário

ORGANIZANDO AS HISTÓRIAS	40
Processando o conteúdo	40
Transcrição de entrevistas	46
Organização de documentos	47
Criação de acervo digital	48
SOCIALIZANDO AS HISTÓRIAS	50
Elaboração de produtos	50
Realização de eventos	53
Criação de espaços de memórias	54
Compartilhamento com a comunidade acadêmica e sociedade	55
 PARA REFLETIR	 56
A MEMÓRIA DA REDE FEDERAL	57
Sobre o processo de coleta e organização de memórias	58
O papel da memória institucional na construção da identidade	58
Desafios e perspectivas para a socialização das memórias	60
Para finalizar	60



CAPÍTULO I



**Para
compreender**

INTRODUÇÃO



A Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, com suas raízes nas Escolas de Aprendizizes Artífices fundadas em 1909, é um dos pilares do sistema educacional brasileiro. Ao longo de mais de um século, consolidou-se como referência na formação técnica, além de ser uma comunidade rica em histórias, experiências e saberes que têm moldado o desenvolvimento educacional e social do país.

Formalmente instituída pela Lei n.º 11.892, de 29 de dezembro de 2008, a Rede Federal abrange os Institutos Federais, os Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs), o Colégio Pedro II, a Universidade Federal Tecnológica do Paraná (UTFPR) e as escolas técnicas vinculadas às Universidades Federais. Essas instituições desempenham um papel essencial na formação técnico-profissional, refletindo a diversidade e a complexidade social e cultural do Brasil.

A preservação das memórias dessa Rede é fundamental para valorizar as contribuições de todos aqueles que, com dedicação e compromisso, construíram essa trajetória ao longo do tempo. Como destaca Frigotto (2018), a memória institucional é indispensável para a construção de uma narrativa coesa, integrando as diversas etapas e desafios enfrentados ao longo de mais de um século de existência.

Nesse contexto, este caderno de orientações foi elaborado para apoiar educadores, gestores e membros da comunidade da Rede Federal no resgate, organização e divulgação dessas memórias. O material resulta de um projeto de pesquisa do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) e utiliza a metodologia da Tecnologia Social da Memória, proposta pelo Museu da Pessoa. A história oral, como eixo metodológico central, permite captar e valorizar relatos individuais que, juntos, formam um mosaico rico da memória coletiva da Rede. Essa abordagem inclusiva oferece voz àqueles cujas experiências, muitas vezes ausentes dos registros oficiais, são cruciais para uma compreensão ampla e plural da história institucional.

Ao longo deste caderno, são apresentadas diretrizes para todas as etapas de um projeto de memória, desde a coleta e organização de materiais até sua divulgação e socialização. Exemplos práticos e ferramentas são sugeridos para facilitar a implementação, independentemente da estrutura ou recursos



disponíveis. Mais do que preservar o passado, o registro e a disseminação dessas memórias orientam futuras gerações, fortalecendo a identidade institucional e promovendo uma reflexão crítica sobre o papel social da Rede Federal.

A memória conecta o passado ao presente, permitindo que as novas gerações compreendam as origens, os desafios e as conquistas dessa Rede. Ao preservar e compartilhar essas histórias, fortalecemos o sentimento de pertencimento e a identidade que une todos os que dela fazem parte. Espera-se que este caderno inspire e guie ações para valorizar e perpetuar a história da educação profissional e tecnológica no Brasil.

Por fim, agradecemos a todos que contribuíram para a elaboração deste material, desejando que ele se torne um recurso valioso para a comunidade da Rede Federal. Que ele ajude a manter viva a memória institucional, elemento que nos define e nos impulsiona para o futuro.

Além deste capítulo introdutório, que apresenta a fundamentação teórica e os objetivos, o caderno de orientações inclui o **Capítulo II - "Pra Fazer"** e o **Capítulo III - "Para Refletir"**, que juntos detalham o caminho para o desenvolvimento de projetos de memória. Para ampliar o aprofundamento nos conceitos, o texto disponibiliza links para fontes externas, como artigos, sites e vídeos, acessíveis por meio de do símbolo:



Fonte: IFAC, 2024.

OBJETIVOS DO CADERNO

- 1.** Fornecer diretrizes práticas para a coleta de memórias:
orientar os profissionais na realização de entrevistas de história oral, identificação de fontes documentais e registros audiovisuais que contribuam para a construção de um acervo de memórias diversificado e representativo.
- 2.** Auxiliar na organização e arquivamento de materiais:
oferecer métodos e ferramentas para a catalogação, digitalização e armazenamento seguro das memórias coletadas, garantindo a sua preservação a longo prazo e facilitando o acesso e a consulta dos materiais.
- 3.** Facilitar a divulgação e socialização das memórias coletadas:
estimular a utilização das memórias institucionais como recursos pedagógicos e culturais, orientando a criação de exposições, publicações, documentários, e acervos digitais que possam ser compartilhados com a comunidade acadêmica e a sociedade em geral.
- 4.** Possibilitar a reflexão crítica sobre a identidade institucional:
incentivar a reflexão sobre a importância da memória para a construção e fortalecimento da identidade das instituições que compõem a Rede Federal, promovendo a valorização das contribuições históricas e culturais de seus membros.



FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA



A preservação da memória institucional e a construção de identidades coletivas são temas centrais na educação, especialmente em uma rede tão diversa e rica em história como a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Nesta seção, destacamos os principais pontos que fundamentam a abordagem metodológica deste caderno.

Educação Profissional e Tecnológica no Brasil

A Educação Profissional e Tecnológica (EPT) no Brasil desempenha um papel estratégico no desenvolvimento social, econômico e cultural do país. Sua origem remonta ao final do século XIX, com a criação de iniciativas destinadas à formação de trabalhadores qualificados para atender às demandas do processo de industrialização e urbanização. Inicialmente concebida como uma resposta às necessidades do mercado de trabalho, a EPT evoluiu ao longo do tempo, tornando-se um instrumento de inclusão social e cidadania, ampliando oportunidades educacionais para populações historicamente em situação de vulnerabilidade (Vieira; Souza Júnior, 2016).

No início do século XX, com a fundação das Escolas de Aprendizes Artífices em 1909, a EPT era focada no ensino de ofícios, oferecendo formação básica e treinamento manual para jovens de baixa renda. Com o passar das décadas, esse modelo se expandiu, acompanhando as transformações econômicas e sociais do Brasil, especialmente durante o processo de industrialização no século XX. As escolas técnicas começaram a incorporar novas áreas de formação, como agricultura, indústria e serviços, ajustando-se às demandas de um país em constante evolução (Baedeki; Costa; Pupo, 2018).

Na segunda metade do século XX, o governo brasileiro intensificou os investimentos na expansão da EPT, com a criação dos Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs) e das instituições do “Sistema S”, como Senai e Senac. Essas iniciativas, juntamente com as Escolas Técnicas Federais e outros centros de formação, consolidaram-se como polos de educação técnica e tecnológica, oferecendo desde cursos de nível médio até programas de graduação e pós-graduação (Neves; Pronko, 2008).



A criação da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, formalizada pela Lei nº 11.892, de 2008, marcou um divisor de águas na história da EPT no Brasil. A nova estrutura ampliou significativamente o acesso à educação técnica e tecnológica, chegando a regiões remotas e periferias urbanas, e tornou-se uma ferramenta essencial para o desenvolvimento regional (CONIF, 2018).

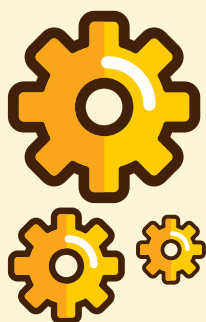


Além de formar profissionais qualificados, a EPT brasileira também promove a inovação, a pesquisa aplicada e a difusão de tecnologias, impulsionando o crescimento econômico e melhorando a qualidade de vida da população (Vieira; Souza Júnior, 2016). Dessa forma, a educação profissional se estabelece como uma estratégia crucial para o desenvolvimento do país.

A Rede Federal representa a consolidação de um modelo educacional voltado à formação técnica e tecnológica em múltiplos níveis de ensino, desde a educação básica até a pós-graduação. Além de democratizar o acesso à educação de qualidade, ela desempenha um papel crucial na inclusão social, ampliando oportunidades e promovendo o desenvolvimento humano e econômico (Pacheco, 2011).

Ao longo das décadas, a Rede Federal passou por sucessivas expansões e transformações, adequando-se às demandas econômicas e sociais do país (Frigotto, 2018).

Atualmente, ela é uma das maiores redes de ensino público do Brasil, com mais de 600 unidades distribuídas por todos os estados e no Distrito Federal. Sua capilaridade permite levar educação de qualidade a áreas urbanas e rurais, muitas vezes esquecidas pelo poder público, promovendo o desenvolvimento regional e reduzindo desigualdades sociais e econômicas (CONIF, 2018).



A diversidade é um dos traços mais marcantes da Rede Federal. Cada instituição, embora parte de um sistema nacional, possui características próprias que refletem as particularidades da região em que está inserida. Essa riqueza possibilita que as instituições atendam às demandas locais de forma específica, ao mesmo tempo em que contribuem para a coesão do sistema como um todo (Nery; Ribeiro, 2021).



História e Memória



A **História**, enquanto disciplina, é essencial para compreender as transformações sociais, culturais, econômicas e políticas ao longo do tempo. Ela transcende a simples narração de eventos, configurando-se como uma construção interpretativa do passado, fundamentada em vestígios, relatos e documentos. Conforme **Le Goff (2013)**, a História é um processo dinâmico de construção e reconstrução, mediado pela memória e pelas interpretações de cada sociedade. Diferentemente da cronologia, a História realiza análises críticas e contextualizações, buscando entender o "como" e o "porquê" das transformações ocorridas.

No contexto da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, a História desempenha um papel central na construção da identidade institucional. Por meio dela, a comunidade acadêmica é capaz de compreender suas origens e desafios. Ligada à memória, a História utiliza relatos e percepções como matéria-prima, mas adota uma abordagem crítica que contextualiza essas memórias em uma narrativa mais abrangente (Candau, 2018).



Além de prática interpretativa, a História é uma ciência crítica, indispensável para a formação de identidades coletivas e para a construção de uma sociedade mais reflexiva. No âmbito da educação profissional e tecnológica, resgatar a História oferece ferramentas para entender a trajetória institucional, valorizar a memória e planejar ações futuras (Le Goff, 2013; Almeida; Fonseca, 2021).

A **memória institucional** consiste no conjunto de lembranças, narrativas e práticas acumuladas por uma organização ao longo do tempo, formando a base de sua identidade coletiva. Na Rede Federal, essa memória é essencial para compreender o percurso histórico das instituições e fortalecer sua coesão e continuidade entre gerações (Santos; Valentim, 2021).

Mais do que registrar eventos do passado, a memória institucional busca preservar e valorizar as experiências de todos os que contribuíram para a trajetória da instituição. Isso abrange tanto marcos formais quanto as vivências cotidianas de professores, alunos e funcionários, cujas histórias compõem um mosaico rico e multifacetado. Segundo **Halbwachs (2003)**, a memória coletiva - da qual a memória institucional é uma forma específica - é construída a partir de interações sociais e desempenha um papel fundamental na





coesão de um grupo. No caso da Rede Federal, ela é crucial para manter a identidade das instituições, possibilitando que estas se reconheçam em suas práticas e valores, ao mesmo tempo em que se adaptam a novos desafios e contextos.

Preservar a memória institucional é um processo contínuo, que envolve registrar e disseminar as práticas que marcaram a história da instituição. Essa memória atua como um recurso ativo, capaz de orientar ações futuras e reforçar valores. Na Rede Federal, a preservação da memória é vital para reconhecer conquistas passadas, fortalecer a identidade institucional e construir um futuro mais coeso e alinhado com sua missão (Halbwachs, 2003; Santos; Valentim, 2021).



A **memória individual** é composta pelas experiências pessoais de cada indivíduo, enquanto a memória coletiva resulta da interseção dessas memórias individuais, sendo socialmente construída e compartilhada por um grupo ou comunidade (Lopez, 2008). Juntas, elas formam a base para a construção de uma identidade institucional.



As memórias individuais, moldadas pelas vivências pessoais dos membros da comunidade, quando integradas coletivamente, configuram uma memória coletiva que reflete a pluralidade e a diversidade. Essa **memória coletiva** é essencial para consolidar uma identidade institucional inclusiva e representativa da multiplicidade de experiências vividas (Bosi, 1993; Halbwachs, 2003; Candau, 2018).

No contexto da Rede Federal, essas duas formas de memória - individual e coletiva - são interdependentes e complementares. Elas se unem para construir uma narrativa que espelha a diversidade de experiências que compõem a história da instituição. Assim, a memória coletiva emerge como um elemento central para a identidade cultural e histórica da Rede Federal, assegurando a preservação de suas conquistas e a projeção de um futuro fundamentado em suas histórias.

História Oral

Conforme **Thompson (1996)**, a história oral pode ser um poderoso instrumento de transformação, dependendo de como é aplicada. Seu potencial reside em alterar perspectivas históricas, revelar novas áreas de estudo e aproximar diferentes grupos, como professores e alunos, ou mesmo instituições educacionais e a sociedade. Ao permitir que as pessoas contem suas próprias histórias, a história oral devolve a elas um papel central na construção do conhecimento histórico.



Diferente de outras formas de registro histórico, a história oral valoriza as vozes de indivíduos frequentemente excluídos dos documentos oficiais ou das narrativas históricas convencionais. Focada na experiência subjetiva e pessoal, oferece uma perspectiva rica e diversificada, iluminando aspectos do passado que poderiam permanecer ocultos em outras fontes (Carvalho; Ribeiro, 2014).

A **história oral** é, acima de tudo, uma metodologia de pesquisa e preservação da memória baseada no registro de narrativas de pessoas que vivenciaram diretamente os eventos e processos históricos que se pretende documentar (Alberti, 1990). Segundo Le Goff (2013), a história oral não se limita a coletar informações, mas também dá voz àqueles cujas experiências e visões são cruciais para uma compreensão plena de um evento ou período histórico. Por meio dela, é possível captar as nuances e complexidades da experiência humana, oferecendo um retrato mais profundo e abrangente do passado.

Uma das principais vantagens da história oral é sua capacidade de revelar as dimensões subjetivas da história. Enquanto os documentos escritos frequentemente apresentam uma visão institucionalizada dos eventos, as narrativas orais trazem à tona as tensões, desafios, vitórias e derrotas vivenciadas no cotidiano. Essa abordagem é essencial para entender não apenas os fatos, mas também como eles foram percebidos e sentidos pelos indivíduos envolvidos (Meihy, 2005; Le Goff, 2013; Fialho, 2020).

No contexto da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, a história oral se destaca como uma ferramenta indispensável para captar a diversidade de experiências que formam sua memória institucional. Professores, alunos, gestores e funcionários, cada qual com suas vivências particulares, contribuem para construir um mosaico rico de histórias que refletem a trajetória da Rede ao longo do tempo. As entrevistas de história oral vão além do registro factual, capturando emoções, reflexões e interpretações pessoais dos que participaram diretamente da construção e evolução da instituição (Santhiago; Patai, 2021).

Tecnologia Social da Memória

A Tecnologia Social da Memória é um conceito e uma metodologia concebida para democratizar o acesso e a prática da preservação da memória, especialmente em comunidades e instituições que, muitas vezes, carecem de recursos ou conhecimento técnico para realizar esse trabalho de maneira eficaz (Museu da Pessoa, 2009).



Diferente das abordagens tradicionais, geralmente centradas em meios formais e centralizados, a **Tecnologia Social da Memória** baseia-se em princípios de inclusão, participação comunitária e valorização de narrativas individuais e coletivas (Silva; Temer, 2022).



Essa metodologia foi popularizada pelo **Museu da Pessoa**, uma iniciativa dedicada a coletar, organizar e disseminar histórias de vida de pessoas comuns, criando um acervo digital acessível a todos. A ideia central é que a memória não deve ser apenas um registro do passado, mas um recurso ativo para a transformação social e o fortalecimento das identidades comunitárias (Venera; Nart; Medina, 2020).

A Tecnologia Social da Memória oferece ferramentas e práticas que capacitam as pessoas a registrar e preservar suas próprias histórias, resultando em um acervo tão diverso quanto as comunidades que o produzem (Worcmann, 2021).

Essa metodologia promove um modelo inovador e inclusivo de preservação da memória institucional, capacitando as comunidades a registrar e valorizar suas narrativas, contribuindo para a construção de uma memória coletiva que é ao mesmo tempo plural e coesa. Nesse sentido, a história de vida surge como uma técnica complementar, utilizada para coletar e narrar experiências pessoais ao longo da trajetória de um indivíduo. Essa abordagem busca compreender os aspectos que moldaram sua identidade e contexto social, sendo aplicada em áreas como educação e sociologia para analisar práticas sociais e mudanças históricas. No contexto da Educação Profissional, essa metodologia documenta trajetórias individuais e sua relação com a formação e o trabalho, valorizando essas histórias no âmbito da memória institucional (Museu da Pessoa, 2009).

Na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, a Tecnologia Social da Memória não apenas preserva sua rica história, mas também atua como uma ferramenta de educação, cultura e reflexão social. Ela assegura que as memórias que moldaram a instituição continuem a inspirar e orientar seu futuro, consolidando o papel da Rede como promotora de transformação social e inclusão educacional.

Conexão entre os conceitos

A integração dos conceitos apresentados neste caderno oferece uma abordagem abrangente e eficaz para a preservação da memória institucional na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. A Educação





Profissional e Tecnológica, juntamente com a estrutura da Rede Federal, fornece o contexto e os fundamentos sobre os quais a memória institucional se desenvolve. Por sua vez, a História, aliada às memórias individuais e coletivas, fornece um arcabouço teórico que possibilita compreender o passado e fortalecer a identidade institucional.

Metodologias como a História Oral e a Tecnologia Social da Memória desempenham um papel essencial nesse processo. A História Oral permite captar narrativas pessoais que, quando reunidas, enriquecem a memória coletiva da instituição. Simultaneamente, a Tecnologia Social da Memória democratiza esse processo, assegurando que a construção da memória institucional seja colaborativa e representativa da diversidade que caracteriza a Rede Federal.

A conexão entre esses elementos propõe um modelo de preservação de memória que transcende o simples registro do passado. Esse modelo reforça a identidade institucional, promove a inclusão e a participação ativa da comunidade e utiliza a memória como um recurso estratégico para orientar as ações futuras da Rede Federal.

Com essa compreensão consolidada sobre a relevância e o impacto da preservação da memória institucional, é hora de transformar essas reflexões em ações concretas. A partir daqui, o caderno explora como essas ideias podem ser implementadas na prática, garantindo que histórias e valores que inspiram a Rede sejam registrados e compartilhados de maneira inclusiva e colaborativa. Esse processo dá vida a uma memória institucional dinâmica, que continua a evoluir, fortalecer nossa identidade e orientar o futuro da Rede Federal.



Referências

- ALBERTI, V. **História Oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990. 196p.
- ALMEIDA, J. R.; FONSECA, V. L. **História Oral: dimensões públicas no tempo presente**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 34, n. 74, p. 445-449, 2021.
- BAEDESKEI, C. M. B.; COSTA, D.; PUPO, M. D. M. Perfil de Egressos do Programa Aprendiz da Fundação Weiss Scarpa: compreender o impacto socioeconômico da formação profissional. **Caderno Humanidades em Perspectivas**, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 476-488, Edição Especial, 2018.
- BARBOSA, X. C.; SILVA, T. F. Reflexões sobre as memórias da EPT: apontamentos teóricos-metodológicos e panorama das pesquisas desenvolvidas no ProfEPT (2019-2021). In: SILVA, C. N. N.; ROSA, D. S.; PEREIRA, M. R. G. **A Metodologia da pesquisa em EPT**. Brasília - DF: Nova Paideia, 2022.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 488p.
- CANDAU, J. **Memória e Identidade**. Maria Leticia Ferreira (Trad.) - São Paulo: Contexto, 2018. 224p.
- CARVALHO, M. L. M.; RIBEIRO, S. L. **História Oral na Educação: memórias e identidades**. Maria Lucia Mendes de Carvalho e Suzana Lopes Salgado Ribeiro (Org.) - São Paulo: Centro Paula Souza, 2014. 289p.
- CONIF - Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. **110 anos**. Brasília - DF: CONIF, 2018.
- FIALHO, L. M. F. et al. O uso da história oral na narrativa da história da educação no Ceará. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-13, 2020.
- FRIGOTTO, G. **Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: relação com o ensino médio integrado e o projeto societário de desenvolvimento**. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2018. 322p.
- HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. Beatriz Cidou (Trad.) - São Paulo: Centauro, 2003. 191p.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Bernardo Leitão et al. (Trad.) - Campinas, SP: UNICAMP, 2013. 492p.
- LOPEZ, I. **Memória social: uma metodologia que conta histórias de vida e o desenvolvimento local**. São Paulo: Museu da Pessoa: Senac São Paulo, 2008. 104p.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 5 ed. São Paulo: Loyola, 2005. 284p.

MUSEU DA PESSOA. **Tecnologia Social da Memória: para comunidades, movimentos sociais e instituições registrarem suas histórias**. São Paulo: Fundação Banco do Brasil, 2009. 100p.

NERY, P. H. F.; RIBEIRO, J. M. P. O Projeto Político Pedagógico: uma discussão sobre identidade e identidades na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (EPT). **Revista Conexão na Amazônia**, v. 2, Edição especial VI Conc&t, p. 188-210, 2021.

NEVES, L. M. W.; PRONKO, M. A. **O mercado do conhecimento e o conhecimento para o mercado: Da formação para o trabalho complexo no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008. 204p.

PACHECO, E. **Institutos Federais uma revolução na educação profissional e tecnológica**. São Paulo: Moderna. 2011. 120p.

SANTHIAGO, R.; PATAI, D. Uma história oral em três tempos: relações, construções narrativas, usos práticos da memória. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 74, p. 450-471, 2021.

SANTOS, J. C.; VALENTIM, M. L. P Memória institucional e memória organizacional: faces de uma mesma moeda. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 26, n. 3, p. 208-235, 2021.

SILVA, M. M. Q. A.; TEMER, A. C. R. P. Tecnologia social da memória e história de vida para pesquisas na área da comunicação. **New Trends in Qualitative Research**, v. 14, p. 1-8, 2022.

THOMPSON, P. **A voz do Passado: história oral**. Lólio Lourenço de Oliveira (Trad.) - São Paulo: Paz e Terra, 1996. 386p.

VENERA, R. A. L. S.; NART, G.; MEDINA, B. Diálogo entre a tecnologia social da memória, a história oral e a função da história. **Revista Brasileira de Tecnologias Sociais**, Itajaí, v. 7, n. 2, p. 102-114, 2020.

VIEIRA, A. M. D. P.; SOUZA JUNIOR, A. A Educação Profissional no Brasil. **Interacções**, n. 40, p. 152-169, 2016.

WORCMAN, K. **Quem sou eu? Memória e Narrativa no Museu da Pessoa**. 2021. 299 f. Tese (Doutorado em Ciências) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.



CAPÍTULO II

Para fazer

CRIANDO UM PROJETO DE MEMÓRIA

Este capítulo apresenta orientações práticas para a criação e desenvolvimento de projetos de memória na Rede Federal. Essas iniciativas não apenas valorizam as experiências vividas por alunos, professores e gestores, mas também fortalecem a identidade coletiva e asseguram a preservação do legado educacional e social da instituição.

Com base na metodologia da **Tecnologia Social da Memória**, o capítulo orienta educadores, gestores e membros da comunidade a registrar e preservar as histórias que compõem a memória da Rede Federal. Por meio de abordagens participativas, como história oral, histórias de vida e construção coletiva de narrativas, são detalhadas as etapas necessárias para mobilizar grupos, planejar ações, organizar histórias e compartilhar os acervos.

Ao longo das páginas, as etapas do processo são apresentadas de forma prática e inspiradora, promovendo o registro e a valorização da memória institucional como um recurso fundamental para o fortalecimento da identidade e a continuidade histórica da Rede Federal.

Para maiores informações sobre
Tecnologia Social da Memória,
conheça o trabalho do

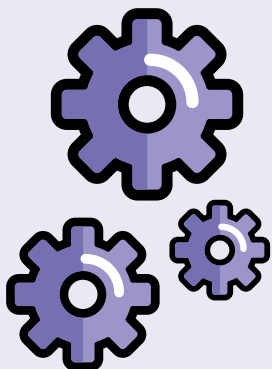
**MUSEU DA
PESSOA**

Recomenda-se ainda a leitura do livro
Tecnologia Social da Memória para
comunidades, movimentos sociais e
instituições registrarem suas histórias

TECNOLOGIA SOCIAL DA MEMÓRIA

Para comunidades,
movimentos sociais e instituições
registrarem suas histórias

COMEÇANDO UM PROJETO DE MEMÓRIA



Como ponto de partida, a proposta de trabalho para o desenvolvimento de Projetos de Memória para a Rede Federal, será concebida sob três perspectivas definidas para orientar o foco e abrangência do projeto.

Cada perspectiva irá destacar aspectos essenciais da trajetória educacional e social da instituição, enfatizando a história sob a perspectiva escolhida. Para isso, os projetos foram divididos em:

1.



**MEMÓRIAS DE
PESSOAS e TURMAS**

2.



**MEMÓRIAS de EVENTOS,
PROJETOS e CURSOS**

3.



**MEMÓRIAS de
INSTITUIÇÕES**

Para melhor compreensão desses agrupamentos, a seguir o detalhamento de cada perspectiva, indicando as principais características de cada uma.



Projeto de Memórias de Pessoas e Turmas



Os Projetos de Memórias de Pessoas e Turmas têm como objetivo registrar a trajetória de indivíduos e grupos que contribuíram para a história da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, por meio das histórias de vida de alunos, professores e técnicos administrativos que conviveram diretamente com esses agentes. Esses projetos documentam, de maneira objetiva, o impacto e as contribuições de pessoas e turmas, compondo um acervo que reflete as experiências vividas dentro da instituição.

Um exemplo de aplicação seria o registro da história de um professor destacado, relatada pelos alunos e colegas de trabalho que conviveram com ele. Esse relato pode incluir desde as práticas pedagógicas e métodos de ensino que marcaram sua atuação até os momentos em que seu trabalho se destacou na comunidade acadêmica. A contribuição de cada pessoa que compartilhou essa convivência permite a construção de uma narrativa que contempla diferentes perspectivas sobre o mesmo personagem, enriquecendo o acervo institucional.

Outro exemplo é a documentação da trajetória de uma turma específica, narrada por alunos e professores que acompanharam o grupo ao longo dos anos. Esse tipo de projeto busca registrar os desafios, realizações e atividades que caracterizaram a vivência coletiva dessa turma, bem como seu impacto na

instituição. Professores podem descrever como a turma se destacou em determinadas atividades, enquanto alunos registram as experiências e aprendizados adquiridos em grupo.



Fonte: IFAC, 2024.



Projeto de Memórias de Programas, Projetos, Eventos e Cursos



Esse tipo de Projeto de Memórias têm como objetivo registrar a trajetória de atividades institucionais e iniciativas que contribuíram para o desenvolvimento e fortalecimento da Rede Federal. Por meio das histórias de alunos, professores, gestores e, em alguns casos, da própria comunidade, esses projetos documentam, de maneira objetiva, o impacto e as contribuições de serviços educacionais, compondo um acervo que reflete a diversidade e riqueza das experiências vividas.

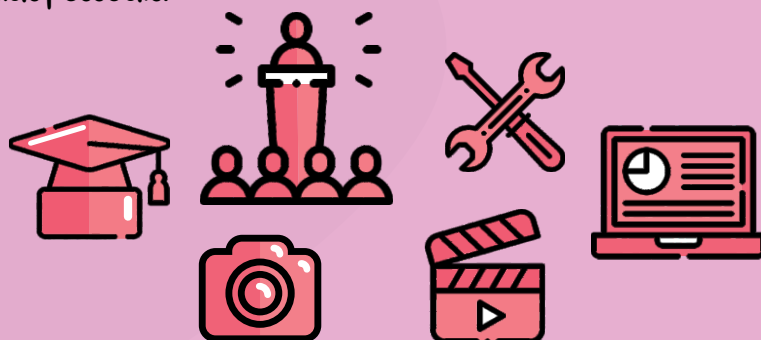
Um exemplo é o registro da história dos alunos do PROEJA. Esse projeto pode documentar as histórias de vida dos alunos, muitos dos quais encontraram no programa uma oportunidade de transformação pessoal e profissional. Outro exemplo é o registro da história de projetos de pesquisa e extensão, contada a partir das experiências dos alunos sobre o aprendizado e a aplicação prática do conhecimento, dos professores sobre o desenvolvimento e os resultados da pesquisa, e dos membros da comunidade que foram beneficiados pela ação.

A documentação de eventos institucionais, como congressos, feiras, gincanas e mostras culturais, também é uma prática importante. Esse tipo de projeto busca registrar a organização, os desafios e as realizações desses eventos, bem como suas repercussões na vida acadêmica e na comunidade. Por fim, outro exemplo de aplicação é a documentação da trajetória de um curso específico, contada por

alunos, professores e egressos. Professores podem descrever as mudanças pedagógicas implementadas e a evolução das práticas formativas, enquanto alunos e egressos compartilham as experiências adquiridas e o impacto do curso em suas carreiras e vidas pessoais.



Fonte: IFAC, 2024.



Projeto de Memórias de Instituições



Os Projetos de Memórias de Instituições têm como objetivo registrar a história da própria instituição, documentando o percurso de desenvolvimento de cada unidade da Rede Federal. A partir das histórias de gestores, professores, alunos e servidores que participaram direta ou indiretamente desse processo, esses projetos buscam construir uma narrativa abrangente e representativa da evolução institucional. Esse acervo reflete os desafios, as conquistas e os marcos que definiram a trajetória da instituição ao longo dos anos.

Um exemplo de aplicação seria o registro da história de um campus específico, contada pelos gestores que lideraram períodos de expansão, pelos professores que acompanharam a evolução pedagógica e pelos alunos que vivenciaram as transformações no ambiente educacional. Cada relato pode incluir detalhes sobre decisões estratégicas, adaptações curriculares, crescimento estrutural e mudanças nas práticas de ensino. Outro exemplo é a história de edificações que compõem a estrutura da Rede Federal. A trajetória de prédios e espaços de ensino pode ser narrada por gestores que acompanharam projetos de construção e reforma, engenheiros e técnicos envolvidos nas obras e alunos que utilizaram esses espaços ao longo de suas atividades acadêmicas.

Esses registros são fundamentais para fortalecer a identidade institucional, uma vez que documentam o papel de cada campus, edificação e estrutura na consolidação da Rede Federal. Ao preservar as memórias de gestores, professores e alunos que contribuíram para a história da instituição, esses projetos oferecem um acervo que enriquece o entendimento sobre o desenvolvimento institucional.



Fonte: IFAC, 2024.



Nos próximos tópicos, cada etapa será detalhada considerando as três categorias principais, permitindo uma visão abrangente e prática do processo necessário para a execução bem-sucedida de um projeto de memória. Para facilitar a compreensão, o fluxograma a seguir apresenta de forma visual as etapas essenciais dessa metodologia.



Vamos começar?

MOBILIZAÇÃO DO GRUPO

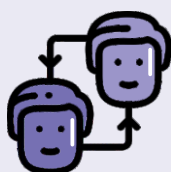


Com a definição da história que se irá contar em um projeto de memória, a mobilização do grupo é a etapa inicial do projeto. Neste momento, os participantes são selecionados de acordo com a sua aderência ao projeto de memória, considerando suas histórias e experiências. A mobilização eficiente assegura que o projeto tenha uma base sólida, composta por pessoas comprometidas e motivadas.

» Criar critérios para selecionar os componentes do grupo

A definição de critérios para selecionar os participantes do projeto de memória é fundamental para garantir que as narrativas coletadas representem a História que quer ser contada. Esses critérios devem ser claros e específicos ao foco de cada projeto, assegurando que os participantes sejam escolhidos com base em sua relevância, envolvimento e capacidade de fornecer informações valiosas sobre diferentes perspectivas. Esses critérios incluem:

- ✓ Selecione pessoas que desempenharam papéis importantes ou tiveram grande impacto no contexto da memória que será registrada.
- ✓ Priorize participantes que tenham longa trajetória ou que vivenciaram períodos históricos e transformações significativas.
- ✓ Quando possível, garanta a representatividade. A diversidade enriquece a narrativa e reflete a pluralidade de experiências vividas.
- ✓ Em alguns casos, inclua participantes que representem tanto o aspecto acadêmico quanto o impacto comunitário da instituição.
- ✓ Selecione participantes que possam oferecer diferentes perspectivas sobre o mesmo tema, garantindo que a memória contemple múltiplos pontos de vista.



Esses critérios devem ser adaptados ao contexto e ao objetivo do projeto de memória, assegurando que o grupo selecionado seja representativo e contribua para uma narrativa rica e inclusiva. Além disso, é importante documentar o processo de seleção para garantir transparência e equidade na escolha dos participantes. A seguir, alguns exemplos para cada tipo de projeto de memória:





Se a história de um professor for o foco, escolhido por ter sido pioneiro na implementação de um curso, além dele, colegas de trabalho e diversos alunos podem contribuir neste projeto de memória. Da mesma forma, a história de um aluno selecionado por seu impacto positivo na comunidade escolar, pode ser contada pelos seus professores, colegas de turma e membros da comunidade.



Ao abordar a memória de programas, como o PROEJA, professores que acompanharam sua implementação, alunos e egressos que vivenciaram mudanças significativas podem contribuir com relatos enriquecedores. Em projetos de pesquisa ou extensão, a narrativa pode ser construída pelos idealizadores e executores do projeto, pelos alunos envolvidos e pela comunidade beneficiada. Para narrar a história de um congresso, é possível reunir relatos de organizadores, servidores de apoio, alunos participantes, palestrantes e convidados, proporcionando uma visão abrangente do evento, desde sua concepção até os resultados obtidos. Já a memória de um curso pode ser construída com as contribuições de professores responsáveis por sua criação, docentes que atuaram ao longo do tempo, alunos que viveram a experiência acadêmica e egressos que relatam o impacto do curso em suas trajetórias pessoais e profissionais.



Ao focar na história de um campus, é essencial incluir relatos de servidores pioneiros, que podem oferecer detalhes sobre os desafios e conquistas iniciais. Professores e técnicos que atuaram ao longo do tempo também trazem perspectivas valiosas, enquanto alunos e egressos enriquecem o projeto com suas experiências acadêmicas. A participação da comunidade local, que interagiu com o campus desde sua fundação, amplia a compreensão sobre seu impacto social e cultural. Para abordar a memória de edificações específicas, como laboratórios, auditórios ou blocos administrativos, é relevante ouvir gestores e técnicos envolvidos no planejamento e construção, além de professores e alunos que utilizaram esses espaços. Esses mesmos critérios podem ser aplicados à história da instituição como um todo, permitindo que diferentes gerações contribuam com suas vivências e relatem os marcos que consolidaram a identidade institucional ao longo do tempo.

Desta forma, os critérios relacionados acima asseguram que o grupo selecionado para o projeto de memória traga uma visão ampla, diversificada e representativa para a história, abrangendo as múltiplas perspectivas que formam a Rede Federal.



Após selecionar os participantes, é essencial organizar e estruturar as informações coletadas para facilitar o andamento das próximas etapas. Para isso, algumas ações são recomendadas:

Registre os dados de cada participante, incluindo nome completo, telefone de contato, endereço de e-mail e um breve histórico da pessoa, destacando sua relação com o tema do projeto.



Projeto de Memória - Participante

Nome:

Telefone:

E-mail:

Breve histórico:

Essa catalogação pode ser realizada de forma manual, utilizando cadernos ou fichas, ou digitalmente, empregando ferramentas como planilhas ou documentos de texto (Word, Excel ou Google Docs). Optar por ferramentas digitais pode facilitar a atualização e o compartilhamento dessas informações entre os membros da equipe.

Outra recomendação é a criação de um grupo de comunicação para agilizar e centralizar a comunicação, recomenda-se criar um grupo em aplicativos de mensagens, como WhatsApp ou Telegram. Esse grupo pode ser utilizado para enviar comunicados importantes; compartilhar atualizações sobre o andamento do projeto; agendar atividades e reuniões; além de estimular a interação entre os participantes.

Certifique-se de apresentar o propósito do grupo e manter a comunicação objetiva e respeitosa, organizando o fluxo de informações para que seja útil e eficiente.

Essas ações garantem que o contato com os participantes seja bem gerenciado, promovendo a organização e a colaboração ao longo do desenvolvimento do projeto de memória. Mais do que isso, essa ação permite um ambiente favorável para garantir o envolvimento dos componentes do grupo.

» Sensibilizando os participantes

O envolvimento dos participantes em um projeto de memória vai além de sua seleção. Ele requer **engajamento contínuo e a criação de um vínculo significativo** entre o indivíduo e o projeto. É fundamental que cada participante compreenda a importância de suas contribuições e se sinta motivado a colaborar ativamente.





Para isso, é necessário manter uma comunicação clara e constante, fomentar um ambiente colaborativo e reforçar o valor das memórias coletadas para a preservação da história da Rede Federal. Valorizar os participantes e mostrar o impacto de suas histórias na construção da memória institucional é essencial. A troca de memórias, imagens, fotografias, vídeos e objetos ajuda a fortalecer essa conexão e garante o engajamento ao longo de todo o processo.

As atividades de sensibilização preparam os participantes para o processo de coleta e registro de memórias, criando um ambiente de confiança e empatia. Essa etapa promove a reflexão sobre a importância das histórias pessoais, coletivas e institucionais, além de superar possíveis barreiras emocionais ou de comunicação.

Sensibilizações podem ser realizadas presencialmente ou virtualmente, utilizando materiais como fotos, vídeos, documentos ou objetos para contextualizar e estimular memórias relacionadas ao tema do projeto. Essas atividades ajudam a resgatar histórias e fortalecem o vínculo entre os participantes, criando um ambiente colaborativo.



Entre as estratégias eficazes estão dinâmicas simples, como formar duplas para compartilhamento de histórias. Após a troca, cada participante apresenta ao grupo a história de seu parceiro. Essa prática promove descontração, resgata memórias e incentiva o compartilhamento de forma detalhada e envolvente.

Essas ações não apenas aprofundam os relatos, mas também criam um espaço seguro e interativo. Dessa forma, os participantes se reconhecem como peças fundamentais no processo de construção das memórias coletivas, colaborando de maneira mais motivada e significativa.

COLETANDO MEMÓRIAS

A fase de coleta de memórias é uma das mais importantes em um projeto de memória, pois é nela que as histórias, vivências e materiais históricos são reunidos para serem organizados e preservados. Esse processo exige sensibilidade, organização e a escolha de métodos adequados para garantir que todas as memórias sejam capturadas com autenticidade e profundidade.

Essa etapa demanda planejamento e cuidado para assegurar que as histórias e objetos coletados reflitam a diversidade de perspectivas e experiências dos participantes, garantindo que os registros sejam acessíveis e compreensíveis.



A coleta de memórias envolve a realização de entrevistas individuais, dinâmicas de grupo e o registro de materiais como fotos, documentos e objetos. Cada uma dessas etapas desempenha um papel fundamental no processo de construção do acervo de memórias, proporcionando diferentes formas de captar as experiências.

» Realização de entrevistas



A entrevista é um dos métodos mais importantes em um projeto de memória, pois permite captar diretamente as histórias e experiências das pessoas envolvidas. Essa técnica possibilita a construção de um acervo rico e diversificado, com relatos que refletem a vivência dos participantes e dão vida ao contexto histórico e social do projeto. Além de registrar informações factuais, a entrevista também captura emoções, percepções e interpretações pessoais, tornando-se um instrumento essencial para a preservação de memórias.



Planejamento da Entrevista

O sucesso de uma entrevista depende de um planejamento cuidadoso. Um roteiro pré-estruturado é uma ferramenta essencial para garantir que todas as questões relevantes sejam abordadas, sem comprometer a espontaneidade do relato. Esse roteiro deve incluir:



Roteiro pré-estruturado

Perguntas iniciais: Mais gerais e abertas, para criar um ambiente acolhedor, como "Pode nos contar como começou sua relação com a instituição?"»

Perguntas centrais: Focadas nos temas principais do projeto, por exemplo, "Quais foram os principais desafios que você enfrentou no início?"

Perguntas de aprofundamento: Para explorar detalhes específicos, como "Pode descrever um momento marcante vivido nesse contexto?"

Perguntas de encerramento: Para finalizar de forma positiva, como "Há algo mais que você gostaria de compartilhar sobre sua experiência?"

Postura do Entrevistador



A **postura do entrevistador** é crucial para o sucesso da entrevista. Ele deve demonstrar empatia, paciência e interesse genuíno pelas histórias narradas. É importante:

- ✓ Garantir que o local da entrevista seja tranquilo e acolhedor.
- ✓ Evitar interrupções e respeitar o ritmo do entrevistado.
- ✓ Adaptar a linguagem ao perfil do entrevistado e evitar termos técnicos ou ambíguos.
- ✓ Evitar julgamentos ou opiniões pessoais que possam influenciar as respostas.
- ✓ Utilizar expressões de incentivo, como "Muito interessante, pode contar mais sobre isso?>>



Registro da Entrevista



O **registro da entrevista** é uma etapa crucial em um projeto de memória, pois garante que os relatos coletados sejam preservados de forma fidedigna, acessível e reutilizável. Ele pode ser feito por meio de gravações de áudio, vídeo ou até mesmo anotações, dependendo dos recursos disponíveis e da natureza do projeto. Cada formato tem suas particularidades e exige cuidados específicos para assegurar a qualidade do material.





Gravação de Áudio

A gravação de áudio é uma abordagem prática e acessível. Ela captura com clareza o tom de voz, a emoção e os detalhes do discurso. Para garantir a qualidade do registro:

- ✓ Utilize gravadores ou aplicativos com boa resolução de som.
- ✓ Certifique-se de que o ambiente esteja livre de ruídos ou interrupções que possam dificultar a compreensão.
- ✓ Posicione o microfone próximo ao entrevistado, mas de forma discreta, para não inibir sua espontaneidade.
- ✓ Realize testes prévios para ajustar o volume e verificar a funcionalidade do equipamento.
- ✓ Mantenha backups das gravações em dispositivos seguros e, preferencialmente, em plataformas de armazenamento digital confiáveis.



Gravação de Vídeo

A gravação de vídeo é mais completa, pois além do áudio, captura expressões faciais, gestos e o contexto visual, enriquecendo o registro. É especialmente útil em projetos que visam apresentar as entrevistas ao público. Para um bom resultado:

- ✓ Garanta uma boa iluminação, preferencialmente natural, para que o entrevistado seja claramente visível.
- ✓ Posicione a câmera de forma estável e utilize um tripé para evitar tremores.
- ✓ Enquadre o entrevistado adequadamente, com foco no rosto e parte superior do corpo, mantendo um fundo neutro e sem distrações.
- ✓ Certifique-se de que o áudio também seja capturado com qualidade, utilizando microfones externos, se necessário.
- ✓ Realize testes prévios para evitar falhas técnicas durante a gravação.



»» Realização de dinâmicas de grupo



As **dinâmicas de grupo** são ferramentas valiosas no processo de coleta de memórias, pois promovem a interação entre os participantes, estimulam o resgate coletivo de histórias e incentivam o compartilhamento de diferentes perspectivas. A realização desse tipo de atividade é útil em projetos que buscam captar memórias compartilhadas ou eventos que envolvem várias pessoas, criando um espaço em que as histórias individuais se complementam, formando uma narrativa coletiva. Além disso, as dinâmicas ajudam a superar possíveis inibições, tornando o processo mais leve e acessível.

Antes de realizar qualquer dinâmica, é importante preparar o ambiente e os participantes. O facilitador da dinâmica deve definir os objetivos claramente e garantir que o espaço seja acolhedor e inclusivo, para que todos se sintam à vontade para compartilhar suas histórias.



Planejamento das Dinâmicas

O sucesso de uma dinâmica de grupo depende de um planejamento cuidadoso, que deve considerar:

- ✓ **Objetivo:** Definir o que se espera alcançar, como coletar memórias sobre um evento específico ou compreender a percepção coletiva sobre um tema.
- ✓ **Perfil dos participantes:** Adaptar a linguagem e o tipo de atividade ao grupo, considerando sua faixa etária, nível de escolaridade e relação com o tema.
- ✓ **Tamanho do grupo:** Grupos entre 6 e 15 pessoas são ideais para garantir interação sem que a atividade se torne desorganizada.
- ✓ **Espaço adequado:** Escolher um local confortável, com disposição que favoreça a interação (como cadeiras em círculo).
- ✓ **Materiais de apoio:** Disponibilizar papéis, canetas, quadros ou projetores, caso sejam necessários para registrar ideias ou facilitar o diálogo..



Dessa forma,, é fundamental que a dinâmica escolhida esteja alinhada com o tema do projeto de memória e que o facilitador atue de maneira neutra, apenas guiando as discussões sem direcionar ou interromper as memórias compartilhadas.

Sugestões de Dinâmicas

Para enriquecer a coleta de memórias em projetos colaborativos, as dinâmicas de grupo oferecem uma abordagem criativa e interativa. A seguir, são apresentadas algumas sugestões de dinâmicas que podem ser adaptadas às necessidades do projeto, facilitando o compartilhamento de memórias individuais e coletivas de maneira leve e significativa.



Roda de Histórias/Conversas

- Prepare o ambiente em círculo, para que todos estejam visíveis uns para os outros;
- Explique a dinâmica e inicie a roda apresentando o tema do projeto e fazendo uma pergunta genérica para abrir a conversa;
- Convide-os a falar de forma espontânea ou em ordem, fazendo a moderação da fila e do tempo;
- Quando necessário, intervenha com perguntas de aprofundamento;
- Após todos compartilharem, agradeça os relatos e peça permissão para registrar pontos adicionais ou observar padrões nas narrativas;
- Finalize com uma mensagem de valorização do grupo e das contribuições individuais.

Materiais:

- Cadeiras ou almofadas;
- Gravador de áudio ou câmera;
- Bloco de notas e caneta;
- Itens simbólicos (opcional);
- Cartazes ou quadro branco.

Tempo Previsto:

- Preparação do ambiente: 15 minutos;
- Acolhimento e introdução ao tema: 10 minutos;
- Compartilhamento das histórias: 60 a 90 minutos (dependendo do tamanho do grupo);
- Encerramento e reflexão: 10 minutos;
- Duração total: 1h30 a 2h.





Mapa de Memórias/Linha do Tempo Coletiva

- Prepare o ambiente com espaço amplo, mesas e local para a linha do tempo;
- Explique a dinâmica e defina o período de tempo ou tema a ser abordado;
- Distribua cartões para os participantes registrarem memórias ou eventos;
- Peça para compartilhem suas memórias, organizando os cartões na linha do tempo em ordem cronológica;
- Utilize cores ou símbolos para diferenciar tipos de eventos (categorização);
- Revise o resultado com o grupo, destacando marcos significativos e conexões entre as memórias;
- Finalize agradecendo as contribuições e registre a linha do tempo com fotos ou digitalizações para uso no projeto.



Materiais:

- Local para a linha do tempo (quadro branco, papel kraft ou varal);
- Cartões para registro das memórias (cartolina, papel adesivo, post-its);
- Fita adesiva, tachinhas, cola, barbante, canetas coloridas, marcadores ou lápis;
- Câmera ou celular para fotografar o resultado;
- Projetor ou imagens para mostrar referências históricas ou contextuais (opcional).



Tempo Previsto:

- Preparação do ambiente: 15 minutos;
- Introdução: 15 minutos;
- Resgate de memórias individuais: 20 a 30 minutos;
- Construção da Linha do Tempo: 40 a 60 minutos;
- Reflexão e encerramento: 15 minutos;
- Duração total: 1h45 a 2h15



A **Roda de Histórias e a Roda de Conversa** são dinâmicas focadas no compartilhamento oral de memórias. Na Roda de Histórias, os participantes se reúnem e cada um tem a oportunidade de contar uma história relacionada ao tema do projeto. Já na Roda de Conversa, a dinâmica é mais livre, com os participantes debatendo e refletindo sobre suas experiências de maneira mais interativa. Por sua vez, o **Mapa de Memórias ou Linha do Tempo Coletiva** é uma dinâmica visual que permite aos participantes construir um mapa simbólico de suas lembranças, organizado de forma cronológica. O painel permite que as memórias sejam visualizadas em conjunto, facilitando a identificação de temas comuns e criando uma narrativa coletiva mais ampla.



As dinâmicas de grupo promovem a interação, fortalecem o senso de pertencimento e garantem que diferentes perspectivas sejam integradas ao projeto. A seguir, exemplificamos como essas dinâmicas podem ser aplicadas em projetos de memória:



Na criação de uma linha do tempo coletiva para uma turma de formandos, os participantes podem registrar e compartilhar eventos marcantes, como o primeiro dia de aula, viagens de estudos ou comemorações importantes. A roda de histórias pode ser usada para que cada aluno ou professor conte um episódio marcante, criando um mosaico rico de lembranças. Cuidado, alguns participantes podem se sentir desconfortáveis em compartilhar histórias pessoais em grupo. Também é necessário ter atenção com participantes mais “extrovertidos” que buscam centralizar o discurso.



Em um projeto de memória sobre um evento anual da instituição, como uma feira cultural, a dinâmica de mapeamento de memórias pode reunir participantes para identificar os marcos do evento ao longo dos anos. Atenção, quando há muitos participantes, pode ser desafiador organizar o grupo e garantir que todos tenham voz. Nesse caso, é recomendável dividir o grupo em subgrupos menores para facilitar o processo.



Na elaboração de um projeto sobre a história de um campus, uma roda de histórias pode reunir servidores pioneiros e atuais. O mapa de memórias pode ser usado para registrar esses relatos em uma linha do tempo institucional. Em projetos institucionais, memórias divergentes podem surgir, gerando conflitos de perspectiva. É importante que o mediador atue com neutralidade, garantindo que todas as vozes sejam ouvidas e que as contribuições sejam tratadas com respeito.

A aplicação de dinâmicas de grupo em projetos de memória é uma maneira de fomentar a participação ativa, estimular o resgate de histórias e construir narrativas ricas e significativas. Embora desafios possam surgir, o sucesso dessas atividades depende de um planejamento cuidadoso e de uma mediação sensível, que garantam a inclusão e o respeito às diferentes perspectivas. Além de facilitar a organização das memórias, essas dinâmicas promovem a colaboração entre os participantes, fortalecem o senso de pertencimento ao projeto de memória.



» Registros de fotos, documentos e objetos



Além das entrevistas e dinâmicas de grupo, o registro de fotos, documentos e objetos desempenha um papel fundamental em um projeto de memória. Esses materiais complementam as narrativas, enriquece e aprofunda a compreensão dos eventos e trajetórias documentados. Esses materiais funcionam como evidências tangíveis das histórias contadas e a sua coleta deve ser conduzida com planejamento prévio.



Nesta atividade é fundamental dar espaço aos participantes do projeto, permitindo que eles contribuam espontaneamente com os materiais sobre o tema. Nesta caso, é necessário avaliar o que realmente contribui para o projeto, devolvendo itens desnecessários. A seguir, exemplificamos quais os materiais podem ser aplicadas nos diferentes tipos de projetos de memória:



Fotos de formaturas, viagens ou eventos comemorativos ajudam a ilustrar o convívio e as experiências compartilhadas, enquanto objetos pessoais simbólicos, como uniformes, medalhas ou certificados, reforçam o vínculo afetivo com essas memórias. Esses materiais enriquecem a narrativa visual e criam uma conexão emocional com o projeto.



O registro de documentos institucionais, como cartazes, programas, certificados e atas, e materiais visuais, como fotos e vídeos de palestras, exposições e atividades práticas, é essencial para contextualizar e documentar a relevância dessas iniciativas. Esses materiais fornecem evidências concretas das realizações e ajudam a preservar a memória coletiva do impacto e da importância desses eventos. No entanto, a dispersão ou ausência de registros pode ser um desafio. Nesses casos, uma busca organizada e a colaboração da equipe são fundamentais para localizar e recuperar esses itens.



Documentos históricos, como atas de fundação, projetos arquitetônicos e relatórios institucionais, ajudam a narrar a evolução e os marcos da instituição. Além disso, objetos simbólicos, como placas comemorativas, troféus, equipamentos antigos ou mobiliário característico de períodos iniciais, enriquecem o acervo, oferecendo uma perspectiva visual da história institucional. Apesar de sua relevância, esses materiais podem apresentar dificuldades, como deterioração ou acesso limitado, exigindo cuidados especializados para preservação e registro.

A Catalogação de Materiais

A catalogação é o processo de registrar e organizar informações sobre os materiais coletados, garantindo que sejam facilmente acessíveis, identificáveis e preservados de forma eficiente. Ela é essencial para criar um acervo estruturado, permitindo que fotos, documentos e objetos sejam localizados e utilizados com facilidade.



Catalogação de Materiais

1. **Identificação do Material:** Cada item coletado é examinado para identificar suas características, contexto histórico e relevância para o projeto;
2. **Classificação:** Os materiais são agrupados em categorias, como tipo de item (fotos, documentos, objetos, vídeos), temas, períodos históricos ou eventos relacionados;
3. **Registro de Informações:** Detalhes sobre cada item são anotados em um sistema de catalogação, podendo ser físico (fichas) ou digital (banco de dados).
4. **Atribuição de Códigos ou Etiquetas:** Cada item recebe um código único, que pode ser utilizado para localizar o material fisicamente ou no sistema digital.
5. **Armazenamento:** Após catalogados, os materiais são armazenados em locais apropriados, com controle adequado de temperatura, umidade e proteção contra luz ou pragas.

Ferramentas Físicas:

- Fichas catalográficas: Para anotações manuais de informações sobre os itens;
- Etiquetas e tags: Para identificação física dos materiais;
- Caixas ou pastas organizadoras: Armazenamento apropriado para proteger os itens;
- Materiais de conservação: Papéis livres de ácido, envelopes especiais, plásticos de proteção, etc.

Ferramentas Digitais:

- Planilhas: Simples e acessíveis para organizar dados básicos
- Softwares de catalogação: Programas especializados, como Omeka ou Zotero, que permitem registros mais completos;
- Sistemas de armazenamento em nuvem: Google Drive, Dropbox ou outras plataformas para armazenar backups digitais;
- Ferramentas de digitalização: Scanners ou câmeras de alta resolução para criar versões digitais dos materiais.

ORGANIZANDO AS HISTÓRIAS

A organização das histórias é a etapa em que a memória coletada se transforma em uma narrativa coesa e significativa. Nesse momento, o material bruto é processado, analisado, categorizado e conectado de forma criativa e sensível, destacando temas centrais e refletindo o legado das pessoas abordadas no projeto.

Essa fase inclui a transcrição de entrevistas, a organização de documentos e a edição de gravações de áudio e vídeo, garantindo clareza e acessibilidade ao conteúdo. Também é o momento de definir o roteiro do projeto, que orientará a estrutura narrativa e o processamento do material de acordo com o objetivo final e o formato desejado, como livro, documentário, portal web, podcast, exposição, entre outros.

A definição do roteiro é essencial para direcionar a apresentação das histórias, adequando o conteúdo ao público e ao meio escolhido. É nessa etapa que o projeto de memória ganha forma, consolidando fragmentos dispersos em uma narrativa estruturada e impactante.



»» Processando o conteúdo



O processamento do conteúdo é a etapa de construção do projeto de memória, pois é aqui que os materiais coletados são organizados e preparados para compor a narrativa final. Esse processo garante que as informações sejam estruturadas de forma coerente e significativa, transformando dados brutos em um acervo acessível e impactante. Além de ser técnico, o processamento exige sensibilidade para destacar os elementos mais relevantes, alinhando-os ao roteiro e ao objetivo do projeto.

O processamento do conteúdo envolve uma ampla variedade de materiais coletados, que devem ser cuidadosamente organizados e analisados para compor o projeto de memória. Os principais produtos são:



Textos



Gravações de Audio



Gravações de Vídeo



Fotos e Documentos



Materiais Diversos

Cada material contribui para o projeto, oferecendo diferentes perspectivas e camadas de significado. O desafio do processamento está em integrar esses elementos de maneira coesa e eficaz, garantindo que cada um deles enriqueça a narrativa e ajude a contar a história de forma clara e impactante. A seguir, um breve detalhamento de cada tipo de processamento.

Processamento de Textos



Abrange pesquisas, anotações, referências bibliográficas e, especialmente, transcrições de entrevistas. Esses textos fornecem a base documental e analítica para o projeto, permitindo a extração de trechos relevantes e a interpretação de histórias e dados. É uma prática que vai além da simples organização. Ele transforma os materiais coletados em recursos acessíveis e estruturados, assegurando que nenhuma informação importante seja perdida. Para isso:

- ✓ Todos os materiais, sejam manuscritos, impressos ou já digitalizados, passam por uma revisão cuidadosa para garantir sua legibilidade e relevância. Textos manuscritos ou impressos devem ser digitados ou digitalizados para facilitar o armazenamento e a manipulação;
- ✓ Após a revisão, os textos são agrupados em categorias ou temas específicos, como "entrevistas", "história institucional", "documentos administrativos" ou "memórias de eventos". Essa classificação facilita a localização e o uso do material durante o desenvolvimento do projeto;



- ✓ Para facilitar consultas futuras, recomenda-se o uso da técnica de fichamento. Cada texto ou trecho relevante pode ser resumido em fichas digitais ou físicas, contendo as informações principais, sua fonte e o contexto em que será utilizado no projeto. Esse método permite uma visão rápida e organizada do conteúdo disponível.



Ferramentas úteis para o processamento de textos:

- **Leitor de PDF:** ideal para revisar, marcar e anotar materiais digitalizados. O Foxit oferece funcionalidades básicas para organizar os textos.
- **Editor de Texto:** softwares como Microsoft Word ou Google Docs, permitem criar, editar e formatar os textos, além de salvar em diferentes formatos para compartilhamento ou impressão.
- **Armazenamento em Nuvem:** plataformas como Google Drive, Dropbox ou OneDrive garantem segurança e acessibilidade, permitindo trabalho colaborativo, se necessário.

Processamento de Arquivos de Áudio

São registros de entrevistas e dinâmicas de grupo, que capturam não apenas as palavras, mas também a entonação, emoção e ritmo dos relatos. Essas gravações oferecem uma camada rica de informações e exigem edição criteriosa para remover ruídos, destacar trechos essenciais e torná-las mais acessíveis e envolventes. O processamento assegura que as memórias registradas sejam apresentadas de forma clara e profissional. Além disso, a organização sistemática dos arquivos garante sua preservação e acessibilidade para futuras consultas e utilizações.



- ✓ Revisão inicial para identificar trechos importantes e remover ruídos, interrupções ou sons indesejados que possam comprometer a qualidade do material;
- ✓ Após a revisão, as gravações são editadas para destacar os trechos mais relevantes e eliminar partes redundantes ou fora do contexto. Essa edição torna o áudio mais claro, objetivo e adequado para o uso posterior;
- ✓ Os arquivos editados são organizados em pastas temáticas ou por categorias, como "entrevistas", "dinâmicas de grupo" ou "áudios institucionais". É essencial salvar o material em locais seguros, como computadores, HDs externos ou plataformas de armazenamento em nuvem, garantindo sua preservação e acessibilidade.



- ✓ Para facilitar a consulta e o uso do material, recomenda-se fichar ou catalogar os arquivos. Cada trecho selecionado pode ser descrito com informações como tema, duração, contexto e relevância, permitindo localizar rapidamente o que for necessário para o projeto.
- ✓ Os trechos escolhidos para compor o produto final (como documentários, podcasts ou exposições interativas) passam por um tratamento técnico para melhorar a qualidade sonora, ajustando níveis de volume, equalização e outros parâmetros para uma reprodução profissional.



Ferramentas úteis para o processamento de arquivos de áudio:

- Audacity: Software gratuito e de fácil uso para edição e tratamento de áudio.
- CapCut: Ideal para edições rápidas e integradas a vídeos, com ferramentas básicas de áudio.
- Studio One Prime: Versão gratuita de um software de produção musical, útil para tratamento detalhado de áudio.

Processamento de Arquivos de Vídeo

Além das entrevistas e dinâmicas, incluem takes de imagens de apoio, como eventos, paisagens, espaços institucionais e objetos significativos. O processamento dos vídeos cria uma narrativa visual envolvente e de alta qualidade, capaz de transmitir o impacto das memórias registradas. Além disso, a organização eficiente dos arquivos assegura que os materiais estejam sempre acessíveis e prontos para atender às demandas do projeto. As etapas desse processamento incluem:

- ✓ Todas as gravações de vídeo são revisadas para identificar trechos relevantes, como entrevistas, dinâmicas de grupo, imagens de eventos, espaços institucionais ou objetos simbólicos. Durante essa revisão, também são anotados trechos que necessitam de ajustes, como cortes ou correções visuais.
- ✓ Após a revisão, os vídeos passam por um processo de edição que pode incluir: Corte de partes irrelevantes ou repetitivas; Ajustes de brilho, contraste, cor e nitidez; Inserção de legendas, títulos ou gráficos explicativos, quando necessário; Adição de transições e efeitos suaves para criar uma narrativa fluida.



- ✓ Após a revisão, os vídeos passam por um processo de edição que pode incluir: Corte de partes irrelevantes ou repetitivas; Ajustes de brilho, contraste, cor e nitidez para melhorar a qualidade visual; Inserção de legendas, títulos ou gráficos explicativos, quando necessário; Adição de transições e efeitos suaves para criar uma narrativa fluida.
- ✓ Os arquivos editados devem ser organizados em pastas temáticas ou categorizados por tópicos. Esses arquivos devem ser salvos em locais seguros, como computadores, HDs externos ou plataformas de armazenamento em nuvem, utilizando nomes claros e padronizados para facilitar sua localização.
- ✓ Assim como os áudios, recomenda-se catalogar os vídeos, descrevendo informações relevantes, como conteúdo, duração, contexto e relação com o projeto. Isso agiliza a consulta e garante que os materiais sejam facilmente reutilizáveis.
- ✓ Os trechos selecionados para compor o produto do projeto passam por uma edição mais refinada, integrando áudio, vídeo e, se necessário, outros elementos visuais.
- ✓ Os vídeos finais são exportados em formatos apropriados para o uso pretendido (MP4, MOV, etc.), garantindo compatibilidade com plataformas e dispositivos.



Ferramentas úteis para o processamento de arquivos de vídeo:

- **CapCut:** editor intuitivo que oferece recursos para cortes, ajustes de cores, inserção de textos e transições..
- **OpenShot:** outra opção gratuita e de código aberto, que combina simplicidade e recursos como animações, transições e edição de múltiplas camadas, sendo ideal para iniciantes.
- **Adobe Premiere Rush:** versão simplificada do Adobe Premiere, projetada para edições rápidas.

Além disso, existem opções de plataformas online de edição, com recursos simples para cortes rápidos, ajustes básicos e conversão de vídeos. É uma opção interessante, pois não necessita instalar programas. Tais plataformas são: YouTube; Kizoa; WeVideo; Online Video Cutter.





Processamento de Fotos e Documentos

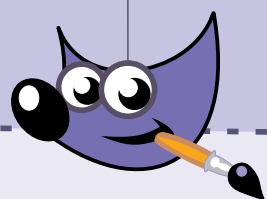
Esses registros, sejam digitais ou físicos, incluem fotos históricas e documentos institucionais. Fotos capturam momentos visuais únicos, enquanto documentos oferecem informações detalhadas que contextualizam eventos e decisões importantes. Esse processamento não apenas preserva esses materiais, mas também os torna mais acessíveis e utilizáveis no contexto do projeto de memória. As etapas desse processamento incluem:

- ✓ Fotografias devem ser digitalizadas em alta resolução. Se necessário, ajustes podem ser aplicados para restaurar a imagem. Papéis como atas, relatórios, certificados e outros registros devem ser digitalizados com legibilidade, em formato PDF.
- ✓ Os materiais devem ser agrupados por categorias, inclua informações como data, autoria e contexto em nomes de arquivos ou em um sistema de catalogação.
- ✓ Fotos podem ser editadas para corrigir imperfeições, restaurar cores ou melhorar a qualidade. Documentos escaneados podem passar por processos de OCR para torná-los pesquisáveis e facilitar a extração de informações.
- ✓ Materiais digitais devem ser salvos em locais seguros, como computadores, HDs externos ou nuvens, com backups regulares. Enquanto materiais físicos devem ser armazenados em pastas ou caixas organizadoras, protegidos contra luz, umidade e poeira.



Ferramentas úteis para o processamento de fotos e documentos:

- Digitalização: Scanner para digitalizações de alta resolução ou aplicativos móveis para digitalização prática (CamScanner, Adobe Scan, Microsoft Lens).
- Edição de Fotos: sem dúvida o Adobe Photoshop é uma das melhores ferramentas de edição do mercado, porém o alto custo é um empecilho. O **GIMP** surge como uma opção gratuita de excelente qualidade.
- Organização de documentos: da mesma forma, o Adobe Acrobat oferece diversas ferramentas para a edição e organização de arquivos PDF, no entanto também é paga. Como opção, o **Foxit** é um software livre que oferece bons recursos para este tipo de processamento.



Para conhecer esses softwares, clique no ícone correspondente.

» Transcrição de entrevistas



A **transcrição de entrevistas** é uma etapa fundamental no processo de organização das histórias, pois converte o conteúdo gravado em formato textual, facilitando sua consulta e preservação. Esse processo permite revisitar o material com maior precisão, localizar trechos específicos com facilidade e assegurar que o conteúdo seja acessível a diferentes públicos e plataformas. Manter a fidelidade à fala do entrevistado é essencial para preservar a autenticidade das memórias, tornando a transcrição uma ponte entre a oralidade e o registro formal da história.

Essa etapa exige atenção aos detalhes, pois o conteúdo gravado pode conter nuances emocionais, pausas e inflexões que são parte integral da narrativa. Transcrever as entrevistas corretamente e de forma completa garante que nenhum aspecto importante da memória seja perdido. Existem duas abordagens principais: a transcrição literal, que reproduz fielmente todas as falas e expressões do entrevistado, e a transcrição editada, que pode ser ajustada para maior clareza sem comprometer a essência do relato. Em ambas as abordagens, é fundamental preservar o tom, o estilo de fala e as intenções do entrevistado.



Fases da transcrição de entrevistas:



Preparação: antes de iniciar a transcrição, é fundamental organizar os materiais gravados, assegurando que todos os arquivos de áudio ou vídeo estejam em boas condições. O uso de softwares especializados, que permitem pausas, retrocessos e avanços, facilita a compreensão e garante a captura fiel de cada fala. Outro ponto essencial é garantir que o ambiente de trabalho seja adequado, com condições ideais de silêncio para evitar distrações durante o processo.



Transcrição literal: registra cada palavra, pausa e expressão do entrevistado com exatidão, incluindo hesitações, repetições e mudanças de tom. Esse formato é ideal para projetos acadêmicos e históricos que demandam fidelidade completa ao relato original, pois captura o contexto emocional e o estilo de fala. Apesar de ser um processo mais demorado, garante um registro detalhado e autêntico.

Transcrição editada: o texto é adaptado para maior clareza e fluidez, removendo repetições ou vícios de linguagem que não impactam o conteúdo. Essa abordagem é especialmente útil para criar materiais acessíveis, como publicações ou produtos educacionais. No entanto, é fundamental preservar o significado original do relato, garantindo que a essência da narrativa permaneça intacta.

Revisão e comparação com a gravação: Após a transcrição, é essencial revisar o texto comparando-o com a gravação original, assegurando que o conteúdo está correto e fiel ao que foi dito. Correções de possíveis erros de transcrição e ajustes na pontuação podem ser feitos para garantir a melhor compreensão. Além disso, é importante assegurar que a transcrição reflete a entonação e intenção do entrevistado, preservando seu estilo narrativo.

»» Organização de documentos



A organização de documentos é essencial para classificar, preservar e tornar acessíveis registros como fotos, cartas, relatórios e atas, garantindo sua integridade e utilidade em projetos de memória. Esse processo evita a perda de materiais valiosos, assegura sua preservação e facilita consultas futuras para pesquisas, exposições ou narrativas históricas.

O primeiro passo é a identificação, determinando a origem, relevância e estado de conservação de cada documento. Em seguida, os materiais são classificados com base em critérios como tipo (fotografia, relatório, ata), data ou tema. Métodos como o Plano de Classificação Documental organizam os documentos de acordo com as funções e atividades institucionais, oferecendo uma estrutura clara e funcional.

Após a classificação, os documentos passam por catalogação, onde recebem registros detalhados, como título, data, autor e descrição, além de uma referência única para facilitar sua localização. A indexação complementa esse processo, permitindo buscas rápidas por meio de palavras-chave relacionadas a eventos, datas ou participantes.



O armazenamento é a etapa final e deve garantir a preservação física dos documentos. Isso inclui o uso de caixas e pastas livres de ácido, armazenamento em condições ambientais controladas (temperatura e umidade) e cuidados especiais para itens frágeis, como fotos antigas e cartas, que podem ser acondicionados em envelopes de conservação.



A aplicação de metodologias específicas, como o **Plano de Acondicionamento Físico**, e o uso de ferramentas de conservação adequadas garantem que os documentos estejam protegidos e acessíveis. Assim, a organização eficiente do acervo assegura a preservação da memória e a longevidade dos registros históricos da Rede Federal.



»» Criação de acervo digital

A criação de um acervo digital é a etapa que permite aplicar organização e acessibilidade ao projeto de memória. Esse processo possibilita reunir os materiais em um local único e seguro, além de otimizar sua gestão e facilitar o compartilhamento com diferentes públicos.

Organizar os materiais em um acervo digital centralizado reduz o risco de perda de informações, dispersão ou dificuldade de acesso. Além disso, facilita a recuperação de conteúdos, mantendo-os protegidos contra danos físicos, como deterioração de documentos ou perda de mídias físicas.

Para criar um acervo digital eficiente, é possível utilizar diversas ferramentas e plataformas disponíveis atualmente, com destaque para soluções baseadas em nuvem. Algumas opções populares incluem:





- ✓ Google Drive: oferece 15 GB gratuitos por conta, integração com o Google Docs e Google Fotos, além de permissões de compartilhamento personalizáveis.



- ✓ OneDrive: vinculado ao ecossistema Microsoft, oferece 5 GB gratuitos e é ideal para usuários do pacote Office.



- ✓ Dropbox: focado na simplicidade de uso, permite 2 GB de armazenamento gratuito e facilidade de sincronização com dispositivos.

Essas plataformas possibilitam o acesso remoto aos arquivos, permitem compartilhamento colaborativo e incluem ferramentas para organização de documentos, fotos, vídeos e outros tipos de mídia.



Para maximizar os recursos das plataformas digitais, recomenda-se criar contas de e-mail específicas para cada projeto de memória, utilizando-se de serviços como o Gmail e Outlook. Essas contas podem ser utilizadas exclusivamente para gerenciar o acervo, organizar os materiais e manter o controle sobre as permissões de acesso.

Além disso, é possível vincular o projeto às redes sociais para socializar as memórias coletadas e até mesmo compartilhar os bastidores da construção do projeto. Isso pode aumentar a visibilidade e engajamento, permitindo que mais pessoas conheçam e contribuam com o projeto de memória..

Como o projeto está vinculado a uma instituição, é possível considerar o uso de portais institucionais para hospedar o acervo digital. Essa opção deve ser previamente alinhada com as políticas de segurança e privacidade da instituição, garantindo que os dados estejam protegidos e acessíveis de acordo com as normas internas.

Assim, ao estruturar o acervo digital de forma organizada e segura, é possível preservar a memória registrada e compartilhar histórias significativas com públicos diversos, promovendo o legado do projeto por muitos anos.



SOCIALIZANDO AS HISTÓRIAS

A etapa de socialização é o momento em que as histórias ganham visibilidade e são apresentadas à comunidade. Nessa fase, o projeto de memória se transforma em produtos concretos. Mais do que preservar memórias, essa etapa promove engajamento e fomenta a identidade coletiva. A socialização ocorre por meio de diferentes estratégias, materializadas pela criação de produtos de memória.

»» Elaboração de produtos



A elaboração de produtos é a etapa central da socialização, onde o projeto de memória se materializa para ser apresentado à sociedade. Esses produtos dão forma às histórias, tornando-as acessíveis em formatos atraentes e de fácil disseminação. Cada produto pode ser adaptado ao contexto e aos objetivos do projeto, garantindo sua relevância e impacto. Entre as principais opções estão:



Livros e outras publicações



Filmes documentários



Portais Web



Podcasts



Os produtos de memória servem para compartilhar histórias de forma criativa e acessível. A escolha do produto deve considerar os objetivos do projeto, o público-alvo e os recursos disponíveis, sempre buscando qualidade e relevância.



Livros e outras publicações



Os livros, impressos ou digitais, são formas tradicionais de registrar memórias. Esses produtos podem conter relatos históricos, biografias, fotos e documentos, organizados em um formato acessível e duradouro. Sua construção envolve:

- ✓ Planejamento do conteúdo: Definir o tema, o público-alvo e a estrutura da publicação.
- ✓ Coleta e organização do material: Selecionar e revisar entrevistas, fotos e documentos coletados.
- ✓ Redação e edição: Produzir textos claros e coesos, revisando o conteúdo para evitar erros.
- ✓ Design e diagramação: Utilizar ferramentas adequadas para criar layouts profissionais.

Filmes Documentários



Os documentários permitem transmitir memórias de forma audiovisual, combinando registros históricos e entrevistas em um formato dinâmico e envolvente. Eles capturam não apenas a informação, mas também as emoções e expressões dos envolvidos.. Sua construção envolve:

- ✓ Planejamento e roteiro: Defina os objetivos, o público-alvo e os principais tópicos a serem abordados.
- ✓ Captura das imagens e áudios: Use os registros obtidos na coleta de memórias. Priorize o uso de equipamento profissional para garantir maior qualidade ao material produzido. Dispositivos como celulares ou câmeras amadoras, requerem atenção com iluminação e som.
- ✓ Edição do material: Selecione os melhores trechos, aplique enquadramentos, adicione transições, legendas e trilha sonora. Seja criativo e procure transmitir a história de maneira clara. Ferramentas gratuitas como OpenShot e CapCut, fornecem bons recursos de edição.
- ✓ Revisão e finalização: Verificar a fluidez do vídeo, a sincronia do áudio e a legibilidade das legendas antes da exportação final. Gere arquivos no formato das plataformas que serão utilizadas e mantenha salvo a cópia do projeto em formato editável.



Portais Web



Os portais web são uma solução moderna e interativa para reunir e compartilhar memórias de forma abrangente. Eles permitem integrar textos, imagens, vídeos e ferramentas interativas em um único ambiente virtual, garantindo acessibilidade e dinamismo. Seu desenvolvimento envolve:

- ✓ **Planejamento do portal:** Defina os recursos que serão disponibilizados, como galerias, vídeos, downloads, entre outros.
- ✓ **Design e estruturação:** Crie uma interface intuitiva e visualmente agradável. Se não contar com desenvolvedores, utilize plataformas como WordPress, Wix ou Google Sites.
- ✓ **Inserção de conteúdo:** Organize textos, imagens, vídeos e outros materiais de forma coesa e atrativa.
- ✓ **Testes e ajustes:** Garanta que o portal seja funcional, responsivo e acessível em diferentes dispositivos.

Podcasts



Uma forma versátil de compartilhar memórias, proporcionando uma experiência auditiva imersiva, com histórias em formato de conversas, entrevistas ou narrativas. Seu desenvolvimento envolve:

- ✓ **Planejamento do conteúdo:** Defina o tema e a estrutura do episódio.
- ✓ **Gravação do áudio:** Priorize microfones profissionais e ambiente silencioso.
- ✓ **Tratamento do áudio:** Edite a qualidade utilizando softwares como o Audacity, ajustando o volume e removendo ruídos.
- ✓ **Edição criativa:** Adicione vinhetas, trilhas e efeitos sonoros para enriquecer a narrativa.
- ✓ **Publicação e divulgação:** Suba os episódios em plataformas de streaming como o Spotify.



A escolha do produto de memória ideal deve considerar as características de cada tipo de projeto. Um documentário destacando a trajetória de um servidor fundador é mais emocional e cativante do que um portal web, que é mais adequado para detalhar o histórico de um programa, permitindo acesso contínuo a informações, enquanto um livro comemorativo é ideal para eternizar a história de uma instituição.



Documentários são ideais para narrar histórias de vida, retratando-as de forma visual e emocional. Como exemplo, a biografia de um professor pioneiro da instituição ou um documentário sobre a trajetória de servidores aposentados que contribuíram para a implementação de um campus.



Portais Web são ideais para reunir informações completas sobre programas e projetos, como histórico, depoimentos, publicações, fotos e vídeos. Como exemplo, um portal interativo sobre uma década de um programa de extensão, com linha do tempo, galerias e acesso a publicações acadêmicas.



Livros são perfeitos para registrar a trajetória da instituição, desde sua fundação até os dias atuais, com depoimentos, fotos históricas e documentos relevantes. Esses materiais narram a evolução da instituição, com foco em momentos históricos. Como exemplo, um livro comemorativo dos 50 anos de uma instituição, destacando marcos históricos e projetos emblemáticos.

Cada projeto possui características únicas que determinam a escolha do produto mais adequado. O equilíbrio entre os objetivos, o público e os recursos disponíveis é essencial para criar produtos que não apenas preservem a memória, mas também a tornem acessível e impactante para as gerações futuras.

» Realização de eventos



A realização de eventos é uma estratégia complementar para divulgar um produto de memória. Esses eventos podem ser organizados em diferentes formatos, dependendo do público e objetivos. Lançamentos formais, por exemplo, envolvem cerimônias estruturadas, com protocolo definido, discursos de abertura e a exibição dos produtos desenvolvidos. Outro formato, são as exposições e mostras, que oferecem apresentações visuais ou interativas dos materiais coletados, permitindo que o público explore e compreenda o conteúdo de forma dinâmica e atraente.



Feiras e apresentações culturais também podem ser realizadas, combinando elementos expositivos com performances artísticas, o que promove maior interação com os participantes. Podem ser organizados eventos virtuais, como transmissões ao vivo, que possibilitam o compartilhamento do projeto em um formato acessível e inclusivo.

Independentemente do formato escolhido, a realização desses eventos desempenha um papel crucial no fortalecimento dos vínculos com a comunidade, ao dar visibilidade ao projeto e destacar o esforço coletivo envolvido em sua execução. Além disso, os eventos criam momentos de celebração e reflexão, reforçando a importância da memória e do legado preservado.



» Criação de espaços de memória



A criação de **espaços de memória** é uma estratégia de preservação e disseminação contínua das histórias. Esses espaços, físicos ou virtuais, desempenham um papel essencial na manutenção e valorização do trabalho de memória. Entre as iniciativas possíveis estão os grupos de estudo e as ações institucionais, que promovem dinâmicas voltadas para manter viva a memória através de projetos de pesquisa, atividades educativas ou ações de extensão.



Além disso, museus e exposições permanentes constituem espaços físicos que apresentam a memória de maneira organizada, acessível e visualmente atraente, tornando-se locais de visitação e aprendizado contínuos. No âmbito digital, as plataformas virtuais, como sites ou aplicativos, oferecem um ambiente interativo que amplia o alcance do acervo, possibilitando acesso global e promovendo maior engajamento do público. Essas plataformas não apenas facilitam a disseminação das memórias, mas também criam possibilidades para a preservação e a interação com o conteúdo histórico.



Esses espaços são especialmente valiosos para as instituições que compõem a Rede Federal, pois garantem que as memórias se tornem parte integrante do cotidiano institucional, consolidando a memória como um recurso vivo, acessível e relevante para a formação cultural, educativa e social.

» Compartilhamento com a comunidade acadêmica e a sociedade



Assim, o compartilhamento das histórias coletadas com a comunidade acadêmica e a sociedade é o encerramento natural de um projeto de memória, promovendo sua integração no tecido social e educacional. Na Rede Federal, formada por instituições diversas e espalhadas pelo país, esse trabalho é crucial para fortalecer a identidade coletiva, valorizar as contribuições locais e assegurar que as memórias sejam reconhecidas como patrimônio cultural e histórico.

Essa última etapa simboliza o compromisso do projeto de memória com a preservação e a disseminação do conhecimento, garantindo que as histórias não sejam apenas registradas, mas também vivenciadas e transmitidas às gerações futuras.



Fonte: IFAC, 2024.



CAPÍTULO III



Para refletir

A MEMÓRIA DA REDE FEDERAL

Preservar a memória institucional vai além de registrar o passado, é um ato de compreensão, análise e transformação. As histórias coletadas ao longo deste processo revelam não apenas os desafios e conquistas da Rede Federal, mas também a identidade coletiva que a sustenta.

Este capítulo convida todos os envolvidos a refletirem sobre o impacto desse trabalho de memória, explorando como essas histórias podem influenciar práticas pedagógicas, fortalecer a identidade institucional e inspirar novas gerações.

A criação de espaços de memória, físicos ou digitais, é essencial para manter vivas as histórias coletadas e garantir que elas sejam acessíveis a todos. Esses espaços conectam o passado ao presente, permitindo que as memórias desempenhem um papel ativo na vida educacional e cultural da instituição.

Refletir sobre essas ações nos ajuda a reconhecer o valor da memória como um recurso dinâmico, que não apenas preserva o legado, mas também projeta caminhos.

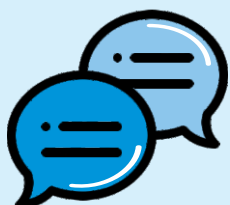
Essa reflexão nos leva a reconhecer a importância da memória como uma ferramenta ativa, não apenas para preservar o passado, mas para construir o presente e projetar o futuro da Rede Federal.



Fonte: IFAC, 2024.



» Sobre o processo de coleta e organização das memórias



A coleta e organização das memórias exigem um olhar sensível para capturar as experiências individuais e coletivas que compõem a história da Rede Federal. Ao longo desse processo, surgem desafios, como lidar com a subjetividade dos relatos, selecionar os registros mais significativos e garantir que as diversas vozes estejam representadas de maneira equilibrada. Rede Federal. Ao longo desse processo, surgem desafios, como lidar com a subjetividade dos relatos, selecionar os registros mais significativos e garantir que as diversas vozes estejam representadas de maneira equilibrada.

Desta forma, concluir o processo de coleta e organização de memórias nos revela que, além de preservar histórias, estamos construindo uma narrativa institucional mais inclusiva e representativa da diversidade de experiências da Rede Federal. Esse processo, que exige sensibilidade e critério, fortalece o entendimento de que cada voz registrada contribui para a riqueza do legado coletivo.

Ao refletirmos sobre os desafios e as aprendizagens adquiridas, percebemos que organizar memórias não é apenas um exercício técnico, mas um ato de valorização do indivíduo e de reconhecimento do papel transformador da educação profissional e tecnológica.

» O papel da memória institucional na construção da identidade



A memória institucional é uma ferramenta poderosa para fortalecer a identidade de uma instituição e das pessoas que dela fazem parte. Ao refletir sobre as histórias coletadas, é possível perceber como os desafios e as conquistas vividas ao longo dos anos moldaram a identidade da Rede Federal, conectando suas origens, seus desafios e suas conquistas ao longo do tempo.

Ao preservar e valorizar as histórias que compõem essa trajetória, reconhecemos que a identidade institucional não é estática, mas um processo contínuo de transformação e evolução. Refletir sobre o papel da memória permite que as futuras gerações se apropriem desse legado, utilizando-o como fonte de inspiração e orientação, reforçando o senso de pertencimento e a missão coletiva de promover uma educação profissional e tecnológica inclusiva e inovadora.



»» Desafios e perspectivas para a socialização de memórias

Socializar as memórias da Rede Federal é essencial para que elas possam impactar a sociedade e continuar gerando valor. No entanto, essa etapa traz seus próprios desafios: **Como apresentar as histórias de maneira atrativa? Como garantir que os produtos criados cheguem ao público certo?**

Ao superar esses desafios, a Rede Federal não só preserva seu legado, como também o torna vivo e acessível, transformando as memórias em ferramentas de ensino, inspiração e reflexão para a comunidade acadêmica e a sociedade em geral.



Como possibilidade, a **Rede de Núcleos do Museu da Pessoa** é uma iniciativa inovadora que busca democratizar a preservação e socialização da memória, reunindo diferentes instituições e comunidades em torno da criação de espaços dedicados ao registro de histórias de vida.

Essa rede é composta por núcleos que atuam de maneira colaborativa, utilizando a metodologia da Tecnologia Social da Memória para capacitar pessoas a coletar, organizar e compartilhar as narrativas de suas comunidades, instituições e grupos.

»» Para finalizar

Ao longo deste caderno de orientações, exploramos as etapas fundamentais para a coleta, organização e socialização das memórias da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, reconhecendo o valor que cada indivíduo e cada história traz para o mosaico institucional.



Fonte: IFAC, 2024.



Fonte: IFAC, 2024.

Refletir sobre os desafios e as oportunidades ao longo desse processo nos revela que preservar a memória não é apenas uma prática técnica, mas também uma missão pedagógica e cultural.

As memórias coletadas não servem apenas para compreender o passado, mas para orientar ações futuras, permitindo que as conquistas e os aprendizados da Rede Federal sejam constantemente revisitados, transformando-se em ferramentas para um presente e um futuro mais inclusivos, conscientes e inovadores.

Ao integrar a Tecnologia Social da Memória e incentivar a criação de espaços de memória que promovam a socialização dessas histórias, este caderno reafirma o compromisso da Rede Federal com a valorização de sua história e com a formação de cidadãos críticos e engajados.

Com estas orientações, esperamos que os educadores, gestores e demais membros da Rede Federal se sintam capacitados para desenvolver e sustentar projetos de memória, tornando-se um recurso ativo que guia o desenvolvimento institucional e a trajetória de todos que dela fazem parte.

Que essas memórias continuem a ser uma fonte de aprendizado, pertencimento e transformação, garantindo que o legado da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica permaneça vivo e acessível para todos.



Fonte: IFAC, 2024.



Bom trabalho!



» Para acessar...

Para facilitar os seus estudos, compilamos todas as fontes e conteúdos extras apresentados neste caderno de orientações, para sua consulta.

Para acessá-lo, utilize o QR Code ou clique no link abaixo.



Aponte a câmera do seu celular para o QR Code
ou clique aqui.



TECNOLOGIA SOCIAL DA MEMÓRIA

Preservando a memória da Rede Federal

